

ENTREVISTA COM CRISTINA FLORES (UNIVERSIDADE DO MINHO)¹

INTERVIEW WITH CRISTINA FLORES (UNIVERSIDADE DO MINHO)

Por Diana Oliveira (Universidade do Minho)²



Cristina Flores licenciou-se em Ensino de Português e Alemão, em 1999, detém o mestrado em Estudos Luso-Alemães - Formação Bilingue e Intercultural desde 2004 e, quatro anos mais tarde, em 2008, concluiu o seu doutoramento em Ciências da Linguagem, especialidade de Linguística Alemã, com a dissertação intitulada “A competência sintáctica de falantes bilingues luso-alemães regressados a Portugal. Um Estudo sobre Erosão Linguística”. A sua formação académica realizou-se na íntegra na instituição que agora a acolhe como professora auxiliar do Departamento de Estudos Germanísticos e Eslavos: a Universidade do Minho, em Braga, Portugal.

O seu nome é hoje uma referência incontornável na área do bilinguismo e da aquisição do

1 Email: cflores@ilch.uminho.pt.

2 Doutoranda e bolsreira de investigação do CEHUM, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Portugal. Email: id6256@alunos.uminho.pt.

Português como língua de herança. Cristina Flores tem integrado e liderado vários projetos de investigação, sendo atualmente membro fundador do “Heritage Language Consortium”, um consórcio internacional para o estudo do Português em contextos multilingues. Entre inúmeros artigos em livros e manuais, tem publicações em revistas internacionais de renome, como a *Bilingualism. Language and Cognition*, *International Journal of Bilingualism*, *Linguistic Approaches to Bilingualism*, *Journal of Child Language*, *Probus*, *Lingua*, *Glossa*, *Heritage Language Journal*. Neste momento, está a organizar a publicação de um número especial sobre línguas de herança na revista *Language Learning* e é autora de um artigo no *Oxford Handbook of Language Attrition*, com lançamento previsto para finais de 2018.

Se não conhecêssemos já o seu percurso académico, bastaria uma análise rápida ao seu vasto conjunto de publicações para perceber o seu fascínio pelo estudo do desempenho linguístico dos falantes bilingues inseridos na comunidade de imigrantes portugueses na Alemanha. E este entusiasmo tem uma razão particular de ser: Cristina Flores é, ela própria, uma falante de Português de herança. As questões que investiga são-lhe caras e a paixão que norteia a sua pesquisa fica estampada nas suas intervenções e interações sobre a temática. Diana Oliveira, a pedido da **Revista Lingüística**, foi conhecê-la.

DO: O seu percurso biográfico parece estar intimamente ligado às áreas centrais da sua investigação, nomeadamente no que diz respeito ao bilinguismo e ao Português como língua de herança. Quer falar-nos um pouco sobre esta relação?

CF: De facto, o meu interesse pelos fenómenos associados ao bilinguismo, em particular pelo bilinguismo luso-alemão, provém do facto de eu própria ter crescido com essas duas línguas. Sempre tive muita dificuldade em responder à pergunta típica sobre a minha língua preferida e com a qual me identificava mais. Depois de começar a investigar o fenómeno percebi que essa dificuldade vinha do facto de um falante poder ter duas ou mais línguas maternas e não ter preferência por uma em particular. Contudo, o que verdadeiramente despertou o meu interesse nesta área foi verificar que alguns dos falantes bilingues luso-alemães, que entrevistei na fase inicial do meu projeto de doutoramento, tinham muitas dificuldades em falar alemão, enquanto outros eram muito proficientes. Todos eles tinham crescido na Alemanha ou na Suíça com uma exposição dominante à língua alemã, no entanto, tal como eu, tinham regressado a Portugal com diferentes idades. Essa observação levou-me a investigar o fenómeno da erosão linguística, ou seja, a perda de competência de uma língua (materna) e a importância da idade neste processo, tendo publicado vários artigos sobre o tema

(Flores, 2010; 2012; 2015).

DO: *Fora dos meios especializados de comunicação, parece haver uma ideia mais ou menos generalizada de que um(a) falante bilingue é aquele(a) que tem duas línguas maternas, ou seja, que é exposto(a) a duas línguas, de forma regular, desde a nascença. É este o entendimento científico do conceito atualmente?*

CF: Na verdade, não há uma definição consensual do conceito de falante bilingue e, mesmo no campo de investigação sobre aquisição bilingue, os especialistas trabalham com definições diferentes. O mais comum é ter como critério a idade de aquisição, considerando falante bilingue aquele que teve contacto regular e naturalístico com pelo menos duas línguas desde a infância. Como há perfis linguísticos muito diversificados, existem, no entanto, vários sub-conceitos que dão conta dessa variedade. Se o falante teve contacto com as duas línguas até aos três anos de idade, é considerado um bilingue simultâneo. Se o contacto com a segunda língua se deu ainda na infância, mas depois dessa idade, é designado de falantes bilingue sucessivo ou consecutivo (segundo, por exemplo, a definição de Meisel, 2004). Contudo, existem muitos casos de falantes adultos que cresceram com exposição a duas línguas, mas perderam o contacto com uma delas muito cedo. Em muitos casos, esses falantes entendem essa língua, mas não a falam, situação designada de bilinguismo passivo. Nestas situações, os próprios falantes não se consideram bilingues. Por outro lado, há quem comece a adquirir uma língua já em fase adulta, por exemplo por motivos de emigração, atingindo um nível de proficiência muito elevado. Muitos autores, sobretudo na área da psicolinguística, designam esses falantes de falantes bilingues tardios, tendo como critério de definição, não a idade de aquisição, mas a proficiência linguística (veja, por exemplo, os estudos de Judith Kroll, e.g. Kroll & Chiarello, 2015).

DO: *É também cada vez mais frequente depararmo-nos, nos meios de comunicação social, com artigos que sugerem que as pessoas bilingues são mais inteligentes, revelando maior flexibilidade mental. É mesmo assim?*

CF: Também em relação a essa questão não há um entendimento científico. Existem, de facto, muitos estudos (por exemplo dirigidos por Ellen Bialystok, cf. Bialystok et al., 2012) que tentam encontrar evidências das vantagens cognitivas do bilinguismo. Há mesmo estudos que sugerem que o bilinguismo atrasa os efeitos de doenças como demência ou alzheimer (Duncan et al., 2018). Mas também existe investigação que põe em causa as evidências encontradas (von Bastian et al., 2016). O que podemos afirmar com segurança é que o bilinguismo não traz desvantagens cognitivas, um

preconceito do século passado que, infelizmente, ainda é passado aos pais por médicos e psicólogos. Conheço vários casos de famílias que abandonaram o uso de uma das línguas familiares por recomendação do médico ou do psicólogo.

DO: *A questão da organização das línguas num cérebro bilingue é muito debatida. Parece haver uma visão dicotômica sobre o assunto, que opõe a perspectiva do desenvolvimento de dois sistemas linguísticos autónomos e a teoria de que as duas línguas passam a integrar um sistema único. O que diz a investigação mais recente sobre esta matéria?*

CF: De facto, as opiniões divergem quando a questão é debatida nas diferentes áreas científicas que estudam o bilinguismo, por exemplo a linguística, a didática ou as neurociências. Um dos objetivos dos estudos neurolinguísticos consiste em mapear as áreas cerebrais responsáveis pela compreensão e produção de linguagem. Quanto a esta questão da separação de línguas, em particular, procura-se perceber se as mesmas áreas estão envolvidas na compreensão ou produção das duas línguas de um falante bilingue. Aqui a investigação ainda está longe de apresentar resultados unânimes. Pelo contrário, do ponto de vista linguístico, podemos dizer que há um certo consenso quanto ao desenvolvimento independente das línguas nativas de um falante bilingue, isto é, a criança bilingue desenvolve a representação mental de dois sistemas linguísticos separados (veja, por exemplo, Meisel, 1989). Isto não quer dizer que os sistemas não interajam.

DO: *Diz-se que a interação entre as duas línguas (sob a forma de atraso, aceleração e/ou transferência) faz parte do desenvolvimento bilingue e não compromete o estágio final de aquisição das duas línguas, isto é, a interação é observável durante o desenvolvimento apenas. Mas não serão os enunciados mistos (ou seja, realizações com elementos das duas línguas que, segundo alguns autores, acontecem só quando se atinge um elevado nível de proficiência) uma forma de interação?*

CF: Sim, são uma forma muito comum de interação. Como mencionei antes, o facto de o falante bilingue desenvolver dois sistemas mentais autónomos não implica que estes não interajam. O que acontece é que a interação não se restringe apenas ao período de desenvolvimento das línguas, pois prolonga-se por toda a vida do falante. Poderá ser uma interação consciente, que serve como estratégia de comunicação (os enunciados mistos), ou uma interação inconsciente de influência de uma língua sobre a outra numa determinada área de saber. Geralmente, essa influência é quantitativa. Por exemplo, há evidência de que falantes bilingues adultos que falam uma língua de sujeito nulo e outra de sujeito obrigatório tendem a omitir menos os sujeitos na língua de sujeito nulo (cf. Tsimpli et al., 2004).

DO: *O que distingue um(a) falante de herança de um(a) falante bilingue “convencional”?*

CF: Nada. Um falante de herança é um falante bilingue convencional. O termo ‘falante de herança’ é usado quando o foco da investigação se centra no desenvolvimento da língua de origem de falantes bilingues que crescem em contexto de migração (precisamente a sua língua de herança), opondo-se assim ao estudo da língua de acolhimento. Quando se iniciaram os primeiros estudos sobre a aquisição simultânea de duas línguas, há mais de trinta anos, com o objetivo de perceber se as duas línguas de crianças bilingues se desenvolvem de forma autónoma (por exemplo, os estudos de Jürgen Meisel, Natascha Müller ou Fred Genesee), o termo ‘falante de herança’ não era usado porque o objeto de estudo eram as duas línguas de criança bilingue. Além disso, as crianças estudadas provinham, muitas vezes, de famílias de académicos, nas quais pai e mãe tinham diferentes línguas maternas. Não eram, por isso, crianças que estavam inseridas em comunidades migrantes maiores, tipicamente associadas ao perfil do falante de herança (para uma definição do termo, veja Valdés, 2001).

DO: *Será que podemos dizer que foi o desenvolvimento do conceito de “falante de herança” que determinou a necessidade de distinguir as noções de “língua materna” e “língua dominante”?*

CF: Exato, o uso do termo ‘falante de herança’ veio dar importância ao papel da dominância linguística, mostrando que uma língua materna não é necessariamente a língua dominante do falante bilingue. Geralmente, a língua do país de acolhimento, muitas vezes adquirida depois da língua de herança, é que se torna a sua língua dominante.

DO: *Se lhe perguntasse qual a sua língua materna, o que me responderia de modo imediato, sem pensar muito? E essa resposta mais intuitiva está em consonância com as teorias vigentes ou sente que a descrição científica não espelha exatamente a sua experiência?*

CF: Eu tenho duas línguas maternas, sem dúvida. Tive exposição ao português a partir da nascença e ao alemão a partir dos dois anos de idade e, apesar de falar português no seio da família, o alemão era a língua de comunicação dominante do meu dia a dia, não apenas na escola, mas também com amigos e com a minha irmã. Esse contacto regular com ambas as línguas, usadas em contextos diferentes do dia a dia, permitiu que desenvolvesse ambas as línguas de forma nativa. Obviamente, não tenho um domínio idêntico de ambas em todas áreas do saber linguístico (por exemplo, teria dificuldade em dar uma receita de bolinhos de bacalhau em alemão... e não sei os nomes dos

componentes químicos em português...), mas é precisamente isso que caracteriza o falante bilingue. Como diz François Grosjean, o falante bilingue não é a soma de dois falantes monolíngues (Grosjean, 1989).

DO: *Quais as áreas da língua mais afetadas pela erosão linguística em falantes bilingues?*

CF: A área onde surgem os primeiros efeitos de erosão é, sem dúvida, o léxico. A magnitude e a rapidez com a qual surgem efeitos de erosão depende da idade em que o falante deixa de ter contacto com uma língua. Nas crianças há evidência de que os primeiros sinais de erosão surgem após cinco meses, precisamente no léxico produtivo. Mas também o conhecimento morfológico e sintático é afetado por perda de competência se a perda de contacto com a língua se dá em fase precoce (Flores, 2010, 2012). Ao invés, a competência fonética parece ser o domínio mais resistente a fenómenos de erosão (Flores & Rauber, 2011).

DO: *Assumindo que ser bilingue representa uma vantagem, o que pode ser feito para evitar ou minimizar o impacto de quaisquer processos de erosão linguística?*

CF: Manter o contacto com as línguas adquiridas na infância ao longo da vida. Sabemos que erosão se dá, sobretudo, pela falta de uso de uma determinada língua. Vários falantes que entrevistei no âmbito do meu projeto de doutoramento - todos eles lusodescendentes de segunda geração que tinham crescido na Alemanha ou na Suíça e regressado a Portugal em determinada altura da sua vida – afirmaram que, depois do regresso a Portugal, deixaram de falar alemão com os irmãos também por pressão dos pais. Estes achavam que seria necessário abandonar o uso do alemão para permitir o desenvolvimento do português, a língua de herança que agora seria língua da escola. Esta atitude levou a um declínio muito acentuado de proficiência a nível da língua alemã. Contudo, esta ideia baseia-se num pressuposto errado, pois parte do princípio de que a nossa mente é como um recipiente que, para dar espaço a uma língua tem de retirar espaço à outra. Sabemos hoje, com muita certeza, que esse princípio é falso, pois a mente humana está biologicamente predisposta para o bilinguismo, até porque mais de metade da população mundial é bilingue.

DO: *Para concluir, na sua opinião, que linhas de investigação serão mais relevantes, num futuro próximo, no âmbito da aquisição de línguas de herança?*

CF: No caso do Português Língua de Herança ainda há muito trabalho a fazer no campo

linguístico. Penso que, num futuro próximo, será importante comparar o desenvolvimento do PLH em diferentes comunidades, residentes nos vários países de acolhimento que têm grandes comunidades lusodescendentes. Será importante comparar as variedades adquiridas pelas diferentes comunidades e perceber o papel de fatores linguísticos (por exemplo, o papel da língua dominante) e fatores extralinguísticos (por exemplo, o grau de contacto com o Português) no desenvolvimento da língua de herança.

REFERÊNCIAS

Von Bastian, C. C., Souza, A. S., & Gade, M. (2016). No evidence for bilingual cognitive advantages: A test of four hypotheses. *Journal of Experimental Psychology: General*, 145(2), 246-258.

Bialystok, E., Craik, F. I. M., & Luk, G. (2012). Bilingualism: Consequences for mind and brain. *Trends in Cognitive Sciences*, 16 (4), 240–250.

Duncan, H. et al. (2018). Structural brain differences between monolingual and multilingual patients with mild cognitive impairment and Alzheimer disease: Evidence for cognitive reserve. *Neuropsychologia*, 109, 270-282.

Flores, C. (2015). Losing a language in childhood: a longitudinal case study on language attrition. *Journal of Child Language*, 42 (3), 562 - 590.

Flores, C. (2012). Differential effects of language attrition in the domains of verb placement and object expression. *Bilingualism. Language and Cognition*, 15 (3), 550-567.

Flores, C. (2010). The effect of age on language attrition: Evidences from bilingual returnees. *Bilingualism. Language and Cognition*, 13 (4), 533-546.

Flores, C. & Rauber, A. (2011). Perception of German vowels by bilingual Portuguese-German returnees: A case of phonological attrition? In E. Rinke & T. Kupisch (Eds.), *The Development of Grammar: Language Acquisition and Diachronic Change - Volume in honor of Jürgen M. Meisel* (pp.287-305). Amsterdam: John Benjamins.

Grosjean, F. (1989). Neurolinguists, beware! The bilingual is not two monolinguals in one person.

Brain and Language, 36 (1), 3-15.

Kroll, J. F., & Chiarello, C. (2015). Language experience and the brain: Variability, neuroplasticity, and bilingualism. *Language, Cognition, and Neuroscience*. DOI:10.1080/23273798.2015.1086009

Meisel, J. M. (1989). Early differentiation of languages in bilingual children. In K. Hyltenstam & L. Obler (Eds.), *Bilingualism across the lifespan: Aspects of acquisition, maturity and loss* (pp. 13-41). Cambridge: Cambridge University Press.

Meisel, J.M. (2004). The bilingual child. In T. K. Bhatia & W. C. Ritchie (Eds.), *The Handbook of Bilingualism* (pp. 91-113). Oxford: Blackwell Publishers.

Tsimpli, T., Sorace, A., Heycock, C., & Filiaci, F. (2004). First language attrition and syntactic subjects: A study of Greek and Italian near-native speakers of English. *International Journal of Bilingualism*, 8, 257-277.

Valdés, G. (2001). Heritage Language Students: Profiles and Possibilities. In J. Peyton, J. Ranard & S. McGinnis (Eds.), *Heritage Languages in America: Preserving a national resource* (pp. 37-80). McHenry, IL: The Center for Applied Linguistics and Delta Systems.